

# Banda Sinfónica Portuguesa

16 Abr 2023  
12:00 Sala Suggia

Jordi Francés direção musical  
Carlos Ferreira clarinete

## Duarte Pestana

*Arco-íris*, fantasia popular (1952; c.14min)

## Telmo Marques

*Conradança*, concerto para clarinete e banda sinfónica  
(2014; c.13min)

## Luís Carvalho

*Chiaroscuro — Três esquissos para banda sinfónica*

(2015-16; c.18min)

1. [Maestoso, sostenuto assai]
2. [Grave]
3. [Con anima]

## Nelson Jesus

*Porto de Saudades — Rapsódia Portuguesa n.º 1\**

(2015; c.15min)

1. Fado Menor do Porto —
2. Moda do Entrudo —
3. Valsa Antiga —
4. Cava Vinha Malhão —
5. Palácio de Cristal —
6. Clérigos —
7. Vinho do Porto —
8. Fado Menor (reprise) —
9. Finale

\*2.º Prémio no IV Concurso de Composição Banda Sinfónica Portuguesa (2016)

## Duarte Pestana

LAMEGO, 1911 — LISBOA, 1974

## *Arco-íris*, fantasia popular

Duarte Ferreira Pestana nasceu em Lamego e estudou no Conservatório de Música do Porto. Nesta cidade fez parte da Banda da GNR e da Banda do Exército, transferindo-se mais tarde para Lisboa, onde foi solista de clarinete na Banda da GNR. A extensa obra de Duarte Pestana engloba uma grande variedade de estilos, destacando-se a música para banda e especialmente as suas “fantasias populares”. Foi também colaborador da antiga Orquestra da Emissora Nacional e maestro no Coliseu dos Recreios e na Orquestra da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT). Aliás, as gerações de 1960 conhecem bem um hino colonial que lhe foi encomendado na época, com texto de Santos Braga, interpretado pelo Coro e Orquestra da FNAT: *Angola é Nossa*. Mas a sua obra é muito mais vasta, estendendo-se à música para o teatro, cinema, rádio e música ligeira.

*Arco-íris* é uma das fantasias populares, a segunda, e além de ser a sua obra mais louvada é uma das mais visitadas do repertório nacional para banda. Uma das razões para o seu valor simbólico pode ser encontrada na forma como o compositor aborda formas bem características da música popular portuguesa. A primeira abordagem surge logo após a introdução, numa marcha alegre que passa por todos os naipes instrumentais. Segue-se um interlúdio lento que dará lugar a uma outra marcha, esta mais melancólica e com uma melodia de canção simples mas inspiradíssima. Há lugar ainda para uma valsa, e as secções contrastantes sucedem-se como é próprio de uma fantasia. A surpresa surge mais à frente, com um *swing* inesperado a assinalar a importância das novas danças importadas das *big bands* americanas que faziam também furor pelas nossas pistas de dança até meados do século XX.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2008

## Telmo Marques

PORTO, 1963

### *Contradança*, concerto para clarinete e banda sinfónica

O concerto *Contradança* é todo ele elaborado tendo como único motivo temático uma contradança de raiz popular da Beira Litoral. Com a manipulação deste mesmo motivo a obra sofre transformações no seu desenvolvimento com implicações no ritmo, no perfil melódico, na estrutura harmónica e no carácter.

Como é de esperar neste género musical (concerto), distinguiu-se a prestação técnica com alguma dose de virtuosismo do clarinete solista, bem como o envolvimento orquestral da Banda Sinfónica nas situações de maior discussão entre ambos.

Apesar de três momentos diferenciados pelo seu carácter (rápido — lento — rápido), o concerto desenvolve-se num único gesto sem interrupção.

TELMO MARQUES, 2014

## Luís Carvalho

PORTO, 1974

### *Chiaroscuro — Três esboços para banda sinfónica*

*Chiaroscuro — Três esboços para banda sinfónica* explana-se num arco estrutural clássico rápido-lento-rápido, onde cada andamento lida com preocupações técnico-musicais distintas. O primeiro explora um processo conhecido como *modulação métrica*, em que tempos diferentes são encadeados através de inter-relações métricas/metronómicas a vários níveis; já o segundo, em contraste absoluto, é estático e introspectivo, com um único e imutável tempo de início a fim, destacando-se um longo solo de trombone que é acompanhado, na sua sombra, pelos comentários de um segundo trombone com surdina; finalmente, o terceiro, de carácter vivo e agitado, retoma a irregularidade métrica do primeiro mas numa perspectiva mais dançante, com alternância quase constante de métricas. Apesar destas particularidades, *Chiaroscuro* é, em essência, uma obra eminentemente abstracta, cujo título, tomado de empréstimo da pintura, refere-se a uma técnica renascentista caracterizada pelos contrastes entre luz e sombra.

Dedico esta obra à Banda Sinfónica Portuguesa, aos seus músicos e ao seu director artístico, Francisco Ferreira, com profunda amizade e reconhecimento pelo excepcional esforço de divulgação da música portuguesa que têm desenvolvido nesta sua primeira década de existência.

LUÍS CARVALHO, 2016

## Nelson Jesus

AZAMBUJA, 1986

### *Porto de Saudades — Rapsódia Portuguesa n.º 1*

*Fui ao Douro à vindima,  
Não achei que vindimar.  
Vindimaram-me as costelas,  
Olha o que lá fui ganhar!*

Todos os dias sinto em mim saudades do Porto, da região Norte, e esta peça é um reflexo desses meus sentimentos. Desde que comecei a compor, tinha como objectivo escrever uma peça em cada uma das formas mais tradicionais das bandas filarmónicas portuguesas. Apenas me faltava a rapsódia, uma forma musical tão depreciada nos dias de hoje e todavia já utilizada com grande sucesso tanto junto do público, como em favor da música. Eis alguns exemplos: Liszt (*Rapsódias Húngaras*), Ravel (*Rapsódia Espanhola*), Enesco (*Rapsódia Romena*), Gershwin (*Rhapsody in Blue*) e muitas mais de entre Brahms, Debussy, Rachmaninoff, Chabrier, Vaughan Williams... Daí custar-me que as rapsódias portuguesas, tais como as de Frederico de Freitas, Victor Hussla, Fortunato de Sousa e Joaquim Luís Gomes, fiquem escondidas sob um manto de vergonha e de algum snobismo por parte dos agentes musicais deste século, somente porque cheiram a povo. A rapsódia ajudou os compositores do Romantismo a quebrarem a rigidez da forma sonata e o nome está ainda associado, na literatura, aos episódios de poemas homéricos que também cantavam os feitos do povo.

Construída como se fosse uma suite (rapsódica), ao estilo dos grandes compositores de música para banda do início do séc. XX (também eles nacionalistas e orgulhosos da sua música popular), tem nove partes constituintes que se interligam numa forma livre, próxima ao improvisado, justapondo os temas populares com os originais — dos sabores folclóricos aos mais abstractos —, as variações e os solos instrumentais.

A música tenta ainda, se bem que de forma não contínua, retratar programaticamente, como um poema sinfónico, algumas situações, citações e lugares do Porto.

1. “Fado Menor do Porto”: é um tema original que funciona como *leitmotiv* articulador de discurso musical. Ao lamento do corne inglês podem juntar-se os primeiros versos do *Mar Português* de Fernando Pessoa.

2. “Moda do Entrudo”: tema da cantadeira e do seu adufe. Douro, gentes de folia.

3. “Valsa Antiga”: dança das rabeças e guitarra, para os bailes das adiafas.

4. “Cava Vinha Malhão”: a enxada apenas cai na terra à ordem do “mandador”. Douro, gentes de trabalho.

5. “Palácio de Cristal”: parte central e mais pessoal da obra. Tendo vivido perto destes jardins, por lá corri, por lá toquei, compus, escrevi... Toda a música tende a reflectir a imagem dos tempos de glória do antigo Palácio de Cristal. O solo de fliscorne é a ligação ao passado, pois todas as antigas rapsódias de banda tinham o seu canto vibrante e muitas delas tocaram-se naquele e noutros

jardins da cidade. O grande órgão do palácio, jóia musical perdida e destruída, é também lembrado, juntamente com a marcha dos populares que, revoltados, tentaram impedir a sua destruição. Infelizmente não conseguiram.

6. “Clérigos”: símbolo maior da cidade do Porto. A música foi composta numa base criptográfica utilizando as datas de início e fim da sua construção, e os números de degraus e andares da mesma. Douro, gentes de fé.

7. “Vinho do Porto”: chula de paus (ou ramaladeira) executada a bordo dos rabelos do Douro.

8. “Fado Menor (reprise)”

9. “Finale”: é uma festa, bibó São João!

NELSON JESUS, 2015

## Jordi Francés direção musical

A actividade artística de Jordi Francés tem várias vertentes. Como maestro, convive entre a ópera, o repertório sinfónico e a criação actual. Os seus compromissos mais recentes incluíram convites da Orquestra Nacional de Espanha, do Teatro Real, do Palau de les Arts de Valência, da Orquestra Sinfónica de Barcelona e Nacional da Catalunha, da Orquestra da Comunidade de Madrid, da Orquestra Sinfónica de Navarra, da Orquestra de Valência, da Sinfónica de Bilbao, da Orquestra do Principado das Astúrias, etc., bem como numerosos projectos com o Ensemble Sonido Extremo, do qual é director artístico. Dirigiu também a Filarmónica da BBC, a Orquestra de RTVE, o Ensemble intertemporain, a Orquestra da Academia do Festival de Lucerna e muitos outros agrupamentos na Europa e na América.

Muito interessado na criação contemporânea, fez estreias mundiais de mais de cem obras e trabalhou com compositores como Birtwistle, Eötvös, Haas, Manoury, Gervasoni, Sotelo, López-López, Sánchez-Verdú, Camarero, Torres, Ibarrondo, Río-Pareja, Magrané, García-Tomás. A sua aproximação ao mundo da ópera acontece, em grande medida, pela mão de Josep Pons, de quem foi assistente desde 2015 no Gran Teatre del Liceu. Estreou-se em 2016 no Teatro Real, com o qual mantém uma relação frutuosa — aí dirigiu a estreia absoluta da ópera *Tránsito* de J. Torres, *Orphèe* de P. Glass, *Arabella* de R. Strauss, estando confirmadas outras produções de ópera para futuras temporadas.

Durante a última década, Jordi Francés dedicou-se também ao trabalho pedagógico com jovens músicos. Neste prisma, colaborou com algumas das instituições musicais educativas mais importantes do seu país, tais como: JONDE, Escuela Reina Sofia, JORCAM, ESMUC, JONC, JOGV, etc.

Diplomado pela Hogeschool Zuyd de Maastricht (Holanda), pós-graduado em Direção de Repertório Contemporâneo pelo Conservatorio della Svizzera Italiana e mestre em Musicologia pela Universidad de la Rioja, a sua ampla formação como maestro inclui períodos na Manhattan School of Music, na Academia Internacional Järvi da Estónia, na Fundação Eötvös de Budapeste e no IRCAM de Paris, com professores como Kurt Masur, Paavo Järvi e Peter Eötvös.

## Carlos Ferreira clarinete

Aos 28 anos de idade, Carlos Ferreira é um dos mais aclamados clarinetistas da actualidade. Ganhou o 2.º prémio no Concurso Internacional ARD em Munique, o 3.º prémio e o Prémio do Público no Concurso Internacional de Genebra, e o Prémio Solista WEMAG no Festspiele Mecklenburg-Vorpommern. É clarinete principal numa das principais orquestras mundiais, a Orquestra Nacional de França. Convidado regular dos principais festivais e salas de concertos mundiais, tocou como solista com formações como a Orquestra Filarmónica Portuguesa, a Orquestra Filarmónica do Estado da Transilvânia, o Collegium Music Basel, a Orquestra de Câmara de Genebra, a Orquestra de Câmara de Munique, a Orquestra da Rádio de Munique e a Orquestra Nacional de França.

Academista da Orquestra do Real Concertgebouw em 2016, Carlos Ferreira continuou o seu percurso na Orquestra Filarmónica de Monte Carlo e ocupou depois os lugares de clarinete principal na Orquestra Nacional de Lille e na Philharmonia de Londres. Em música de câmara, actuou com músicos de renome mundial como Emmanuel Pahud, Eric Le Sage, Paul Meyer, Lise Berthaud, Pierre Fouchenneret, Sarah Nemtanu, Quatuor Hermès, Timothy Ridout, Pedro Emanuel Pereira, Frank Dupree, entre outros.

Natural de Paredes, Carlos Ferreira foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian enquanto estudante na Escola Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, na classe de Michel Arrignon e Enrique Pérez Piquer. Posteriormente, ingressou no Conservatorium van Amsterdam (classe de Arno Pisters) e no HEMU de Lausanne (classe de Florent Héau). Em Portugal, foi aluno de José Ricardo Freitas na Academia de Música José Atalaya e na ARTAVE, tendo concluído a licenciatura com Nuno Pinto na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto.

Carlos Ferreira acaba de lançar o seu primeiro álbum, intitulado *XX-XXI*, com obras para clarinete e piano, ao lado do pianista e compositor Pedro Emanuel Pereira. É Artista Buffet Crampon e D’Addario Woodwinds.

## Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação no dia 1 Janeiro de 2005, no Rivoli — Teatro Municipal do Porto. Ao longo dos anos, tem vindo a apresentar-se nas mais importantes salas de espectáculos do nosso país, colaborando regularmente com a Fundação Casa da Música (onde é agrupamento associado), a Portolazer, a Ágora, a Fundação de Serralves, o Coliseu do Porto e vários municípios. Destaca-se a realização de concertos na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria e Llaganés, além de participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces.

O seu repertório para formação sinfónica estende-se dos arranjos mais clássicos às obras originais e a muitas estreias de compositores contemporâneos como Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Carlos Azevedo, Luís Carvalho, António Victorino d’Almeida, Fernando

Lapa, Daniel Moreira, entre muitos outros. De realçar ainda o trabalho camerístico de vários dos seus grupos e ensembles.

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, entre os quais Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Raúl da Costa, Vasco Dantas, Adriana Ferreira e vários músicos da própria orquestra. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de coros e de grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage e European Tuba Trio.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo-a considerado um projecto extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Aliás, a BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho e André Granjo dirigiram também esta orquestra.

Gravou diversos CD, muitos deles para a editora holandesa Molenaar. Promove masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como os Cursos de Direcção (contando já 30 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça).

Em 2017, deu início ao Festival BSP Júnior, que se realiza anualmente no Verão e reúne centenas de jovens promissores instrumentistas. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Em 2017, na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, participou no 18.º Festival do World Music Contest (Kerkrade) e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles (Utrecht). Em Novembro de 2019, realizou uma digressão às Canárias, actuando em Tenerife e na Grã-Canária.

A BSP obteve o 1.º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (1.ª secção, Catalunha, 2008) e o 1.º prémio na categoria superior (Concert Division) do World Music Contest em Kerkrade (Holanda, 2011) — com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso, considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

#### **Flauta**

Beatriz Ribeiro  
Daniela Anjo  
David Leão (piccolo)

#### **Oboé**

Juliana Félix  
Diana Magalhães  
Roberto Henriques (corne inglês)

#### **Fagote**

Pedro Rodrigues  
Beatriz Rios

#### **Clarinete**

Tiago Bento  
Nuno Sousa  
Tiago Batista  
Sofia Rocha  
Luísa Marques  
Alcina Azevedo  
Catarina Pereira  
Jorge Paiva Neves  
André Silva  
Pedro Ramos  
Bruno Silva  
Hélder Tavares  
Filipe Pereira (requinta)  
Ângelo Santos (baixo)

#### **Saxofone**

José Pedro Gonçalinho (alto)  
Rita Pereira (alto)  
Isabel Anjo (tenor)  
Lúcio Monteiro (tenor)  
Marcelo Marques (barítono)

#### **Trompete**

Tiago Peixoto  
Sérgio Pereira  
Carlos Martinho  
João Sousa  
Miguel Vilarinho  
Ricardo Barbosa

#### **Trompa**

Rui Pires  
Samuel Ferreira  
Hélder Vales  
Nuno Silva  
Nélson Silva

#### **Trombone**

Tiago Nunes  
Joaquim Oliveira  
João Bastos  
Mário Machado

#### **Eufónio**

Nuno Costa  
Luís Gomes

#### **Tuba**

Jorge Fernandes  
Fábio Rodrigues

#### **Percussão**

Jorge Lima (tímpanos)  
Pedro Góis  
Luís Santiago  
Jonathan Silva  
Paulo Mota  
Tiago Sousa

#### **Contrabaixo**

Cláudia Carneiro

#### **Piano**

Raquel Cunha